

nizacional e dez pontos de convergência são individualizados entre as duas artes literárias.

«Lengua, nación, império» de Ana María García Martín e Pedro Serra abre a parte consagrada às relações linguísticas. Considerando a perspectiva historiográfica de Eric Hobsbawm, os autores investigam o que foi a Modernidade ibérica, num contexto que sofreu fenómenos de diglossia, nomeadamente em Espanha, pela aplicação da «Ley Moyano». O século XIX é o século da aproximação científica à linguística, submetida a várias teorizações, mas é notável a escassez de métodos académicos de ensino português/castelhano e vice-versa, embora floresçam os manuais de auto-aprendizagem. Numa análise dos intercâmbios académicos na época seguinte, Martín e Serra deparam com a pouca sensibilidade dos regimes autoritários, sendo o Salazarismo pouco inclinado para a literatura comparada e Franco «muy dado al monolingüismo» (p. 292). A época contemporânea, pelo contrário, é marcada pela rapidez dos eventos e pela cultura de massa que contribui para derrubar fronteiras.

Ángel Marcos de Dios descreve em «Aproximación a las relaciones lingüísticas luso-españolas (1901-1974)» os homens e os feitos mais notáveis neste campo. Assinala o surgimento do Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI) como sendo o maior evento científico a registar. Termina o artigo com bibliografias exaustivas sobre as línguas ibéricas, incluindo o aspecto lexicográfico.

Hélder Júlio Ferreira Monteiro em «Linguística contrastiva en una península democrática (1975-2007)» apresenta um útil e bastante completo estudo bibliográfico sobre últimos trinta e dois anos de publicações ibéricas.

Sob o patrocínio da União Europeia entra-se numa nova fase das relações entre os dois países ibéricos, como nos testemunha este interessante intercâmbio.

Alberto Sismondini

**ACTAS DO CONGRESSO RELIPES III –
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR,
18, 19 E 20 DE ABRIL DE 2007
GABRIEL MAGALHÃES (EDIÇÃO)
Covilhã – Salamanca, UBI – Celya, 2007**

Após uma primeira redacção das actas referentes aos colóquios de Évora e Salamanca, o congresso da Covilhã representou, conforme a nota de abertura do responsável da edição, Gabriel Magalhães, o ponto culminante do projecto da investigação RELIPES, que articulou 15 investigadores das Universidades citadas e contou com o apoio do Programa INTERREG IIIA da União Europeia.

A organização deste derradeiro congresso foi estimulada pela vontade de «estabelecer uma saudável osmose» entre a actividade desenvolvida pela equipa participante no projecto e a produção científica de colegas não envolvidos directamente no mesmo.

Como podemos ver no volume editado previamente, RELIPES configura-se num espaço, a Península Ibérica, e num tempo, a decorrer entre o surgimento do século XIX e a actualidade. RELIPES III apresenta-se dividido em áreas temáticas: aos *canónicos* estudos glotológicos – didácticos e literários – culturais, juntam-se vozes heteróclitas agrupadas em capítulos de títulos aliciantes: «Interdisciplinaridades», «Vozes ibéricas», «Um texto para o outro».

A abertura do livro deve-se a um trabalho conjunto de Daniela Braga, Amara Castro, Vera Portugal e Secundino Vigón Artos que propõe um projecto didáctico para o ensino do português / língua estrangeira para hispanofalantes: «Una propuesta para la enseñanza de PLE a hispanohablantes». É uma iniciativa interessante que surge da colaboração de academias públicas e entidades privadas, entre as quais uma multinacional que opera no campo da linguística computacional. A aproximação didáctica diz respeito ao «Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas», tendo como objectivo a aquisição de competência linguística e comunicativa básica do Português (nível A2), o reconhecimento dos processos léxico-gramaticais da língua lusa, a detecção das interferências entre os dois idiomas, apresentando como resultados avanços nos domínios da produção oral e escrita, além de uma correspondente capacidade de interacção. De cariz histórico, a intervenção de

Rogelio Ponce de León foca o ensino do espanhol em Portugal e do português em Espanha nos séculos XIX e XX, relevando as tendências pedagógicas que se instalaram na Península, numa dada altura, ricas em novidades teóricas e o surgimento de novas estratégias didácticas como os métodos de auto-aprendizagem. O contributo de Maria João Marçalo aborda a questão linguística luso-espanhola no seu aspecto funcionalista, corroborada por Secundino Vigón Artos, que, em «Índices funcionales y traspositores sintácticos en español y portugués», alimenta a ideia de que uma gramática que assuma a teoria funcional tem que incorporar a teoria da transposição, assumir a relação antitética entre índices funcionais e transpositores sintácticos, sendo esta acção importante para equacionar uma sistematização nas classificações de proposições e artigos e, por conseguinte, a sintaxe complexa. Sónia Duarte introduz o sujeito da recepção da língua galega nos estudos linguísticos portugueses do séc. XIX, em que ressaltam as figuras dos estudiosos Augusto Soromenho e Adolfo Coelho, até José Leite de Vasconcelos fixar para a fala da Galiza o estatuto de *co-dialecto*.

A parte consagrada à literatura aborda vários temas: António Apolinário Lourenço analisa as relações literárias hispano-portuguesas na época naturalista, constatando a primazia lusa na recepção da nova corrente literária vinda de França. Eça de Queirós foi de facto o primeiro romancista naturalista

fora do *Hexagone*, só mais tarde igualado em Espanha por Emilia Pardo Bazán e mais tardiamente por Galdós. O exame do relacionamento entre as duas literaturas é deficitário para Castela, com autores contemporâneos portugueses a serem traduzidos mais do que os seus homólogos espanhóis, embora a divulgação comum esteja longe de ser a melhor, conforme a afirmação da citada Pardo Bazán, que acha as duas literaturas iguais a «Vecinos que no se tratan», numa perspectiva corroborada pelo próprio Galdós (pp. 184-186). Deve-se principalmente a Eça essa maior popularidade, testemunhada também pelo autor de *La Regenta*, Leopoldo Alas «Clarín». Lourenço conclui afirmando que, apesar das relações não particularmente intensas e das escassas traduções, decorreu entre os dois países um intercâmbio literário de alguma importância.

Outros contributos abordam a matéria literária por perspectivas singulares: Ana Belén Cao Míguez olha para a recepção da literatura portuguesa no aspecto paratextual das traduções editadas no séc. XIX. A respeito do uso da tradução, a autora frisa que a divulgação da arte literária lusa em terras de Castela era um desígnio alimentado pelos adeptos da causa ibérica, para «reunir en una sola patria a la familia dispersa», citando o pensamento de Lafuente.

O texto de Ana Lúcia Lopes de Sá evoca a presença hispano-americana na literatura de Angola, quer na vertente

intertextual, quer na das figuras de ficção, enquanto Maria Sol Teruelo Nuñez apresenta um aprofundado estudo comparativo do *Romanceiro* em Espanha e Portugal, focando as diferentes redacções do «romance» *Silvana* e das suas variantes. Noemí Pérez Pérez escreve sobre uma escritora declaradamente ibérica, Carolina Coronado, cuja vida se desenrolou aquém e além da raia, um limite, este, supostamente virtual e simbolicamente ultrapassado pela artista, enquanto menina, num acto lúdico de colheita de flores silvestres (p. 265).

A parte intitulada «Interdisciplinariidades» abre com André Barata e a sua leitura do sonho em Maria Zambreno e Bernardo Soares. Procura-se em ambos a atenção do onírico, a «vida-sonho» dum Pessoa sem raciocínio e afectividade que é sensação, enquanto a filósofa espanhola postula um «sonho-vida», que representa a atemporalidade, duas visões aparentadas pela mediação metafísica do processo de representação da realidade.

RELIPES abre-se, finalmente, às vozes dos actores que estão a pôr em prática os ideais iberistas. Javier Figueiredo, da Junta de Extremadura, apresenta o projecto ÁGORA, que desde o ano 2000 fomenta o conhecimento mútuo das realidades transfronteiriças com eventos, mesas-redondas e colóquios desenvolvidos entre Cáceres, Mérida e Badajoz. José Ferrera Estrada, antigo responsável para a educação da Embaixada espanhola em Lisboa, anota os novos desafios do ensino das

línguas ibéricas numa população discente declaradamente multiétnica. Nel Rodrigues Rial narra o seu percurso de formação filosófica que de galego o transformou num europeu ibérico.

A adesão ao projecto RELIPES por parte de intelectuais de renome é posta em evidência na parte definida «Vozes ibéricas»: Carlos Marzal, Harkaitz Cano, Helena Marques e José Tolentino de Mendonça confrontam a própria experiência vivencial, artística e linguística, proporcionando aos leitores emoções e informações surpreendentes, que lhes permitem imaginar Irène Némirovsky discursar em euskera ou perceber o valor místico-semântico da palavra «poesia».

«Um texto para o outro» reúne as colaborações de outros convidados ilustres, entre os quais Mário Cláudio, Possidónio Cachapa, Rita Taborda Duarte, Vanesa Pérez-Saquillo, Jesus Losada e Rafael Espejo, que apresentam as percepções de um olhar ibérico multifacetado.

A conferência de encerramento de Maria Fernanda de Abreu recorre à imagem do espelho, um espelho bem ibérico, para visitar a obra das maiores figuras que marcaram a evolução dos estudos comparativos peninsulares, criando os pressupostos de um diálogo que só pode ter futuro. A palestra de Perfecto E. Cuadrado, «Vanguarda(s), Surrealismo(s): os casos espanhol e português», analisa de forma exaustiva os factos relacionados com este movimento tão marcante para o séc. XX.

Com estas contribuições de qualidade RELIPES termina a sua fase institucional no âmbito dum programa comunitário, mas pretende que este projecto ibérico tenha continuação no intercâmbio dos saberes peninsulares.

Alberto Sismondini

CERVANTES. ENIGMAS E MITOLOGIAS
PEDRO SOARES MARTÍNEZ
 Coimbra, Almedina, 2007

Con pretensiones humildes y de interés divulgativo, nace este breve ensayo de poco más de 140 páginas, como así afirma su autor en la nota justificativa. De padre español, Pedro Soares entra en el mundo cervantino por simpatía y por coyuntura (en los cursos de verano de la universidad de Oviedo) y acaba por reunir papeles y documentos para dos intervenciones: en el mencionado curso de verano y en la Academia das Ciências de Lisboa. Todo ello junto, sistematizado como sigue, forma el trabajo de Soares Martínez.

Así surge un volumen dividido en múltiples apartados que quiere destacar, por un lado, algunas de las cuestiones enigmáticas (constituídas hoy como tópicos) sobre la vida de Miguel de Cervantes, a saber: su nacimiento, su formación cultural y académica, su hija natural y otros problemas familiares, sus problemas con la justicia y más asuntos sin resolver satisfactoriamente. En ese mismo sentido, y por otro lado,